

Contação lúdica e interativa: um cotidiano de arte e expressividade na creche

Fernanda Gonçalves

Márcia Buss-Simão

Eliane Santana Dias Debus

Resumo

O artigo traz reflexões sobre as experiências dos bebês com as linguagens expressivas e se origina de uma pesquisa em nível de doutorado que analisou relações dos bebês com os livros no contexto da creche. A etnografia foi a escolha metodológica e se deu pelo desejo de assumir os bebês como partícipes do processo da pesquisa, a fim de dar visibilidade ao modo como se relacionam com as linguagens expressivas, sobretudo com os livros. Nas análises, dá-se visibilidade às possibilidades de os bebês “entrarem em cena” e darem continuidade “ao espetáculo”, ao interagirem com os elementos cênicos que constituem a contação de história com outros contornos, ou seja, uma contação lúdica e interativa observada no campo de pesquisa. As cenas apresentadas buscam apontar possibilidades de os bebês construírem novos arranjos narrativos e cênicos com brinquedos e cenários da história, sendo essa também uma forma de privilegiar e garantir que os bebês se relacionem com as linguagens artísticas e expressivas.

Palavras-chave: educação infantil; literatura infantil; linguagens expressivas.

Abstract

Playful and interactive storytelling: a day of art and expressiveness in early childhood education

This text reflects on babies' experiences with expressive languages and originates from a doctoral research, which analyses babies' relationships with books in the context of early childhood education. Ethnography was the methodological choice, so babies could be taken as participants in the research process, in order to visibilize how they relate to expressive languages, especially with books. The analysis reveals the possibilities for babies to "take the stage" and make "the show" go on, through their interaction with scenic elements that make the storytelling with new outlines, that is a playful and interactive storytelling can be seen in the research field. Scenes staged seek to show the possibilities babies may have to build new narratives and scenic arrangements with toys and historical scenarios, which is also a way of privileging and ensuring that babies relate to artistic and expressive languages.

Keywords: children's literature; early childhood education; expressive languages.

Resumen

Narración lúdica e interactiva: un día de arte y expresividad en la educación de la primera infancia

Este texto trae reflexiones sobre las experiencias de los bebés con lenguajes expresivos y se origina en una investigación a nivel doctoral, que analizó las relaciones de los bebés con los libros en el contexto de la guardería infantil. La etnografía fue la elección metodológica y se debió al deseo de asumir bebés como participantes en el proceso de investigación, para dar visibilidad a la forma en que se relacionan con los lenguajes expresivos, especialmente con los libros. En los análisis, se observan las posibilidades de que los bebés "entren en escena" y continúen "el espectáculo", al interactuar con los elementos escénicos que constituyen la narración de cuentos con otros esquemas, es decir, una narración lúdica e interactiva observada en el campo de la investigación. Las escenas presentadas buscan señalar las posibilidades de que los bebés construyan nuevos arreglos narrativos y escénicos con juguetes y escenarios de la historia, que también es una forma de privilegiar y garantizar que los bebés se relacionen con lenguajes artísticos y expresivos.

Palabras clave: educación de la primera infancia; lenguajes expresivos; literatura infantil.

A semente da palavra: para situar a pesquisa

A criança me deu a semente da palavra. Os passarinhos me deram desprendimento das coisas da terra. [...] Aprendi com os passarinhos a liberdade. Eles dominam o mais leve sem precisar ter motor nas costas. E são livres para pousar em qualquer tempo nos lírios ou nas pedras – sem se machucarem. E aprendi com eles ser disponível para sonhar. (Barros, 2010, p. 147).

Quando os bebês escutam histórias, interagem com os livros e brincam com as narrativas, podem descobrir o novo – coisas que ainda desconheciam ou, ampliar o que já conhecem. Por isso, os livros devem ser tocados, olhados, cheirados, degustados, explorados, contemplados, lidos, compondo enredos de infância. Durante o percurso da investigação aqui apresentada, os bebês ofereceram a semente da palavra e mostraram que é preciso estar disponível para sonhar, aventurar-se e explorar as diferentes linguagens. Este texto se origina, portanto, de uma pesquisa em nível de doutorado, que buscou analisar como acontecem as relações dos bebês com os livros no contexto da creche, mais especificamente, se os bebês têm acesso aos livros e quais as possibilidades interativas que esse objeto cultural promove.

A pesquisa de campo aconteceu em uma instituição de educação infantil pública, com 14 bebês e suas professoras, durante um período de sete meses, com a frequência semanal de três a quatro vezes e uma média de três a cinco horas de duração diária (em períodos alternados), entre os meses de julho e dezembro de 2016. Quatro professoras participaram efetivamente da pesquisa, contudo, a professora regente Léia é a que aparece com maior frequência nos registros, devido ao volume de horas que ela esteve em contato com a pesquisadora. Em relação às profissionais que participaram da investigação, optamos por identificá-las como professoras no decorrer do texto, na defesa de que todas exercem a docência quando atuam diretamente com a educação das crianças (Schmitt, 2014). Embora, no município onde a pesquisa foi realizada, exista uma denominação que as diferencie – distinção que se caracteriza pelos direitos trabalhistas e pelos planos de carreira –, as profissionais que atuam junto às crianças são assim definidas: professoras auxiliares de sala e professoras auxiliares de ensino.

O grupo de bebês que participou da pesquisa de campo era composto por 11 meninas e quatro meninos, totalizando 15 bebês com idades entre 10 meses (início da pesquisa, julho de 2016) e 1 ano e 4 meses. Todos eles estavam matriculados em período integral na unidade, mas duas das meninas costumavam ficar somente no período matutino; uma delas frequentou pouco a creche e não a encontramos nenhuma vez. Por esse motivo, somente 14 bebês participaram efetivamente da investigação: Alice, Benjamin, Catarina, Cauê, Emanuely, Enzo, Giovanna, Helena, Isabelli, João, Lara, Maria, Sofia e Ysis. Por razões éticas e, a partir das questões de autoria das crianças (Kramer, 2002), utilizamos o primeiro nome dos bebês e, em alguns registros, os apelidos empregados pelas professoras do grupo durante a permanência no campo e omitimos o sobrenome e o nome da instituição.

A instituição de educação infantil onde a pesquisa de campo foi realizada é uma unidade pequena, com horário de funcionamento das 7h30 às 18h e atendimento destinado somente a três grupos, de 0 a 3 anos. Para uma aproximação desse contexto, realizamos uma pesquisa etnográfica, o que demandou um diálogo disciplinar, principalmente com estudos sociais da infância e com pesquisas na área da educação infantil. A escolha metodológica se deu pelo desejo de assumir os bebês como partícipes do processo da pesquisa, a fim de dar visibilidade ao modo como se relacionam com o objeto livro e com a própria literatura infantil. Sendo assim, o desejo foi o de legitimar as crianças como informantes competentes das suas vidas e, no caso dos bebês, por meio da ausculta,¹ foi possível lançar um olhar sensível e cuidadoso aos seus muitos modos de se comunicar, sobretudo por meio do corpo. A compreensão sobre o termo ausculta se distingue da simples captação auditiva e significa abranger as recepções de outros modos de se comunicar e se expressar.

As contribuições da etnografia e suas implicações metodológicas têm se mostrado uma possibilidade profícua na pesquisa com crianças (Ferreira; Nunes, 2014), uma vez que, por meio das suas ferramentas, é possível nos dedicarmos a (re)conhecer as crianças e seus pontos de vistas como um exercício de descrever suas vidas a partir do que elas nos informam, e não por simples interpretações – por vezes arbitrárias – dos adultos, o que requer sensibilidade metodológica.

Para tanto, a triangulação de dados foi uma estratégia adotada na pesquisa, já que, para que possamos ter diferentes pontos de vista, é necessário recolher os dados por várias perspectivas, ou seja, observar por diferentes ângulos e formas (Graue; Walsh, 2003). Assim, para sistematizar a geração de dados, foi necessário adotar ferramentas, como: registro fílmico (com captações curtas e médias, em diferentes momentos da rotina), registro fotográfico, caderno de campo, entrevistas formais e informais, mas, principalmente, registros realizados em distintos momentos da rotina, em diferentes períodos.

Mediante os significados apreendidos nas relações que os bebês estabeleceram com os livros e as possibilidades de mediação que emergiram dessas relações, as categorias de análises da pesquisa foram definidas. A primeira delas, intitulada *o deslimite da palavra: o corpo e a leitura sensorial dos bebês*, destinou-se a discorrer sobre as leituras corporais desbravadas pelos bebês na relação direta com o livro. Já a segunda categoria, *o voo da palavra: as relações estabelecidas nas mediações*, deu visibilidade à importância da mediação das professoras nas relações com os livros. Por fim, a última categoria, intitulada *outros pousos: tantas possibilidades*, resultou de proposições que envolveram a linguagem teatral, por meio de *contações lúdicas de histórias*, e o uso da literatura infantil de forma bastante particular. Ou seja, os dados do campo revelaram diversas possibilidades de se trabalhar com os livros, com o texto literário e com as linguagens artísticas: com tantos voos, pousos e caminhos possíveis. É nessa perspectiva que reunimos os distintos episódios que não dialogaram com as duas primeiras categorias, mas que mereceram destaque,

¹ Termo adotado por Rocha (2008) para destacar a necessidade de, nas pesquisas com crianças pequenas, ampliar a abrangência dos termos ouvir e escutar.

principalmente, por se tratar de outros modos de proporcionar aos bebês uma relação lúdica com a literatura infantil, com as *contações lúdicas de histórias* e com o teatro. É a partir desta última categoria que o presente artigo se desdobrará.

Outros pousos e tantas possibilidades: por um cotidiano de arte e expressividade na creche

Os bebês e seus olhares curiosos, que comunicam com silêncios, abrem caminhos para o desconhecido, para a surpresa e para o sensível. Eles se aventuram no mundo e “são livres para pousar em qualquer tempo nos lírios” (Barros, 2008, p. 147). Com eles é possível aprender sobre a liberdade e a poesia, sobre o ínfimo e o imensurável. Manoel de Barros diz que os pássaros são livres para pousar em qualquer lugar, por isso, o título *outros pousos: tantas possibilidades*, pois os enredos tramados pelos dados do campo revelaram diversas possibilidades de se trabalhar com os livros, com o texto literário, com as experiências e as relações lúdicas com a literatura infantil, com as contações de histórias, com o teatro e com as linguagens artísticas e expressivas vivenciadas pelos bebês decorrentes destas.

Se concebermos a leitura como uma prática social que se alarga a partir de um processo cultural que se produz historicamente, podemos afirmar que a história do leitor começa quando os bebês chegam ao mundo (Baptista; Belmiro; Galvão, 2016). O modo como essa história vai se constituir para cada bebê acontece de forma bastante particular e, nesse contexto, as instituições de educação infantil assumem um importante papel no modo como proporcionarão experiências coletivas aos bebês com os livros.

A educação infantil deve ser um lugar de encontro dos bebês com os livros, um lugar no qual compartilhamos a vida e as experiências com a literatura infantil. É no exercício desse compartilhamento que os bebês vão “aprender a conviver, confrontar, discutir, procurar soluções com seus pares e o apoio dos adultos” (Barbosa, 2013, p. 219). A potência que habita a narrativa é principalmente a possibilidade de elos e ligações afetivas que surgem da reciprocidade do encontro entre bebês e professoras: “A narrativa insere aquele que conta entre aqueles que escutam, cria elos que unem as gerações passadas às presentes, transmitindo as experiências de umas para as outras. Liga as artes do fazer com as artes do viver” (Barbosa, 2013, p. 221). Arte, afeto e memórias emergem dessa relação como o movimento próprio da vida e que marcam as experiências dos bebês.

Desse modo, as análises e as reflexões aqui tecidas estarão situadas com base em uma concepção de leitura sensorial dos bebês (Reyes, 2010; Parreiras, 2012; Debus, 2006; Bonaffé, 2008; Baptista; Belmiro; Galvão, 2016; Paiva, 2013), nas relações lúdicas que eles empreendem com o objeto livro. Referimo-nos a uma leitura que não privilegia o uso das letras (Rizzoli, 2005), e sim experiências em que os bebês possam tocar, explorar e “devorar” os livros, que possam estar envoltos em experiências lúdicas “encharcadas” de letramento. É nessa perspectiva que reunimos

os episódios que revelam outros modos de proporcionar aos bebês uma relação lúdica com a literatura infantil, com as contações de histórias e com o teatro.

Durante a pesquisa de campo, a professora regente do grupo de bebês organizou diversas contações de histórias com elementos distintos, privilegiando outras formas de linguagem teatral. Compreendemos a linguagem como a capacidade de o ser humano compartilhar significados, que se estrutura de múltiplas formas, como a linguagem oral, gestual, corporal, plástica, teatral, musical, entre outras. Nas proposições que envolviam o teatro com os bebês, por exemplo, a professora disponibilizava fantoches e bonecos (personagens) para que eles também “atuassem” e interagissem com a narrativa. Assim, os bebês entravam em cena e colocavam seu protagonismo em ação. Nesse movimento, meninas e meninos tinham espaço para construir outras formas de narrativas que envolviam a linguagem cênica e expressiva, experienciando um cotidiano de arte.

Importante situar que, antes de propor as *contações lúdicas de histórias* que envolviam a linguagem teatral, a professora havia apresentado a história da Chapeuzinho Vermelho com diversos livros e releituras, assim, os bebês tiveram a oportunidade de experienciar a narrativa por diferentes prismas e, por conseguinte, apropriaram-se dos elementos que a compõem, como a canção, os personagens e o próprio icônico capuz vermelho, que se transformaram em componentes de suas brincadeiras cotidianas.

Vislumbrar um espaço e tempo para outras formas narrativas que envolvem a linguagem cênica e expressiva, a partir da linguagem literária, vai ao encontro da concepção de que a linguagem literária é arte. Assim, quando os bebês se relacionam com essa linguagem alargam a sua sensibilidade no e com o mundo. A educação infantil deve ser um lugar repleto de sentido, um lugar de encontro, em que os bebês tenham a oportunidade de ampliar os conhecimentos sobre si e sobre o seu entorno, alargando suas experiências corporais, sensoriais e expressivas. Experiências essas que impulsionam a criatividade, a exploração, o encantamento e, desse modo, proporcionam interações com as mais diversificadas manifestações culturais.

As crianças são sinestésicas, atuam e exploram o mundo com todos os seus sentidos. Elas são convocadas pelos elementos que lhes interessam, por curiosidades que as colocam em movimento e, assim, expressam “necessidades poéticas, premências e urgências” (Barbieri, 2012, p. 27) e, quando as(os) professoras(es) se abrem com sensibilidade para as experiências das crianças, criam espaço para o território do pertencimento.

A linguagem é a significação que atribuímos à nossa existência, e é por meio das diferentes linguagens que as crianças criam seus territórios expressivos e de ação, desbravando suas experiências estéticas (Barbieri, 2012). Diante da especificidade que demarca a ação docente na primeira etapa da educação básica, buscamos:

[...] nos aproximar de uma concepção relacional de socialização para o reconhecimento e legitimação das ações e relações das crianças e dos conhecimentos que elas mobilizam ao interagirem, cotidianamente, entre pares e também com os adultos. (Buss-Simão; Rocha, 2017, p. 88).

Como complementam as autoras:

A acumulação da produção científica vem indicando que o desenvolvimento das experiências educativas depende de organização e ação pedagógica pautadas, sobretudo, em interações sociais, brincadeiras e diferentes linguagens e contextos comunicativos. Consideramos essas as formas privilegiadas pelas quais as crianças expressam, conhecem, exploram e elaboram significados sobre o mundo e sobre sua própria identidade social e que constituem a base do repertório vivencial que garantirá apropriações no decorrer do processo educacional. (Buss-Simão; Rocha, 2017, p. 88).

É nesse sentido que os dados do campo expressam a sensibilidade com que a professora regente costumava planejar e apresentar aos meninos e às meninas as mais diversas experiências com as linguagens, como pode ser observado neste excerto:

Hoje a professora Léia arrumou a sala de um jeito especial para os bebês, criando uma atmosfera acolhedora e convidativa. Ela dispôs no meio da sala um verdadeiro cenário para teatro de fantoches. E, para realizar esta mediação, organizou pequenos grupos, composto por quatro bebês. Os demais ficaram no parque, com a professora Rô. A professora Léia inicia, então, sua contação de histórias com elementos do teatro, com um convite em forma de canção: “conta 1, conta 2, conta 3... Conta uma história para vocês”. Manu resolve entrar em cena e atravessar o pequeno teatro, tornando-se, literalmente, também uma personagem. A professora Léia continua a sua história e vai tirando os personagens de pano, um a um, de dentro de uma caixinha. Na medida em que os retira, distribui aos bebês, para que eles possam também contar suas histórias. Os elementos que a professora usa para a contação da clássica história da Chapeuzinho Vermelho fazem com que os bebês se envolvam profundamente com a proposta. Ela vai narrando a história e entregando os bonecos de fantoches para os bebês participarem da contação. Manu pega a Chapeuzinho Vermelho e a faz saltitar por cima do palco, contando a história ao seu modo. (Registro do Caderno de Campo, 17 de novembro de 2016).²

A ação de oferecer os personagens materializados em bonecos e a sensibilidade de deixá-los brincar com o cenário fizeram com que a experiência se tornasse ainda mais significativa. A proposta demarca a importância de reconhecermos a relação dos bebês com a literatura e com as linguagens artísticas e expressivas vividas por eles, impulsionadas pela proposta da professora. Proposições educativo-pedagógicas dessa natureza reafirmam uma concepção de que os bebês são potentes e participantes ativos nas relações sociais que estabelecem com o mundo.

Com base nessa organização, os bebês “entraram em cena” e deram continuidade “ao espetáculo”; ao interagirem com os elementos cênicos, deram outros contornos e criaram uma *contação lúdica e interativa*, estabelecendo uma relação intensa com os personagens. A possibilidade de os bebês construírem novos formatos narrativos e cênicos com os bonecos é também uma forma de garantir que se relacionem e se expressem por meio das linguagens artísticas.

Contar histórias é uma ação recorrente no contexto da creche e, quando se trata das crianças bem pequenas, desde bebês, essas ações podem ser denominadas de *contação lúdica de histórias*, uma vez que as relações constituídas são muito

² Os Registros do Caderno de Campo são escritos em primeira pessoa do singular, pois foram recolhidos pela pesquisadora em distintos momentos em que esteve no campo pesquisado.

particulares, com interações corporais intensas, como esclarece Gonçalves (2019). Não é possível prever uma contação de histórias com os bebês sem que eles toquem nos elementos que a compõem ou sem que eles se aproximem das(os) professoras(es). Na medida em que ela acontece, meninas e meninos desejam se aproximar daquele que conta, bem como tocar, pegar e sentir os elementos dispostos no jogo cênico que se desenrola. Por esse motivo, configura-se como uma *contação lúdica*, em que os jogos de palavras, corpos e brincadeiras se entrecruzam, como uma contação brincante.

Da mesma forma acontecia na pesquisa de campo quando a professora propunha aos bebês contações de histórias envolvendo a linguagem teatral. Havia cuidado em dispor e organizar um palco no tamanho dos bebês, com cortinas, fantoches, bonecos e brinquedos que serviam de subsídio ao espetáculo. Não obstante, eles não eram apenas espectadores, pois participavam do enredo e, na medida em que a professora contava, os bebês se envolviam, faziam do seu *corporeidade* e participavam ativamente da *contação lúdica de histórias*.

Em outro momento da tarde, depois da proposição da contação de histórias com os elementos do teatro, a professora Léia dispôs um cesto no meio da sala com variados tecidos, de distintas cores e texturas. Os bebês sempre brincavam com os tecidos, mas na tarde de hoje, Léia aproveitou para lembrar a história da Chapeuzinho Vermelho contada mais cedo. Então ela pega alguns dos tecidos na mão e pergunta: "Quem quer brincar de Chapeuzinho?". Catarina, Alice e Helena dirigiram-se até ela e pediram para brincar. A Professora utilizou os tecidos para recriar a capa da Chapeuzinho e as bebês entraram na brincadeira. Catarina se aproxima do espelho e contempla sua imagem, sorri e começa a balbuciar andando pela sala, como se "encenasse" a história da Chapeuzinho. (Registro do Caderno de Campo, 13 de outubro de 2016).

Um simples elemento desencadeou uma infinidade de recriações e, também, outra forma de brincar com a narrativa, como indicam Goelzer e Löffler (2016, p. 235) "essa organização permite, ao mesmo tempo em que desafia a criança a escolher o cenário, os brinquedos e materiais e os seus parceiros na brincadeira". Dispor tecidos e outros elementos de modo que os bebês possam recriar seus enredos e suas brincadeiras, no seu tempo e ao seu modo, garante a eles um cotidiano de arte. Nessa circunstância, os bebês puderam brincar e interpretar a personagem cuja relação já havia sido estabelecida de diferentes formas, colocando em cena a potencialidade imaginativa que surge das relações que se estabelecem com a linguagem literária. As linguagens expressivas e artísticas aparecem, assim, entrelaçadas ao cotidiano e às brincadeiras impulsionadas pela contação de histórias.

Importante situar que o teatro é uma linguagem cultural essencialmente humana e abrange as relações corporais, emocionais e sociais. Em sua origem grega, a palavra *theatron* significa "lugar onde se vê" e, para Aristóteles, o teatro possibilitava conhecer para além da superfície, ver, além das aparências e dos discursos, o que está nas profundezas (Oliveira; Stoltz, 2010). Por ser uma expressão artística, é também uma necessidade humana, como uma possibilidade de exteriorizar emoções, sentimentos e, em se tratando de crianças pequenas, desde bebês, uma possibilidade de alargar seus repertórios culturais acerca do mundo, experimentando-o e se experimentando na cultura.

A literatura infantil também é arte que foi, nesse episódio, teatralizada. Simboliza a cultura por meio da imagem e da palavra, como uma expressão sensível do mundo. Por meio da sua linguagem poética, aborda questões complexas que mobilizam afetos, proporcionando ampliação de conhecimentos, aproximações com a pluralidade de elementos que compõem a realidade social. A atividade interpretativa de grande riqueza emocional, como a experiência estética e empática teatralizada e explorada pelas crianças quando estão em contato com a literatura infantil, concede um sentido intenso para as relações com ela constituídas, pois a:

[...] experiência de nos sentirmos parte de um conglomerado humano que compartilha e reusa os símbolos para que o território da linguagem seja decifrado, expresso e habitado é que outorga um sentido profundo à literatura e essa revelação torna-se patente nos primeiros anos de vida. (Reyes, 2010, p. 14).

Portanto, experiências que conjugam ambas as linguagens, teatro e literatura, propiciam uma participação ativa nos processos sensíveis que constituem o nosso "eu", a nossa humanidade. Quando se trata dos bebês, o corpo é aquele que comunica, que explora, que vivencia as linguagens expressivas e, tanto o teatro quanto a literatura infantil potencializam as relações corporais, sobretudo o corpo em sua dimensão *expressiva-comunicativa* (Buss-Simão, 2019),³ considerando, com base em Le-Breton (2009, p. 46), que a "substância semântica do corpo não é o som, mas os gestos, mímicas, posturas, olhares, deslocamentos e os distanciamentos do outro ou de um objeto". A partir *do corpo como expressividade-comunicativa*, Buss-Simão (2019, p. 69) afirma:

As crianças, quando ingressam no mundo, não dominam a linguagem que é utilizada pelos adultos, a linguagem no sentido de uma estrutura simbólica, ou seja, que é social, histórica e cultural, ou seja, não é natural e, por isso, utilizam centralmente o corpo para se expressar e se comunicar e, nesse processo vão, gradativamente, conhecendo e aprendendo utilizar outras linguagens.

Nesse sentido, Buss-Simão (2019) sugere que é preciso, primeiramente, atentar para as possibilidades de expressão, os repertórios, os discursos e os gestos referentes ao corpo oferecidos às crianças e às famílias nas propostas pedagógicas diárias, nas decorações das salas, no repertório das histórias contadas, nas músicas ofertadas, nas danças propostas, assim como nas brincadeiras e nos brinquedos que temos proporcionado e privilegiado.

A instituição de educação infantil pode ser um lugar fecundo para os bebês se aproximarem das linguagens expressivas; para tanto, é fundamental que sejam ofertadas, recorrentemente, experiências significativas que ampliem e demandem as mais diversas linguagens. No excerto que segue, é possível notar como os bebês entram em cena e participam das narrativas cênicas:

³ A partir de uma concepção de corpo como interface do biológico e do social, histórico e cultural, Buss-Simão (2019) sugere um aprofundamento das dimensões que constituem o corpo: *Corpo como conhecimento; Corpo como expressividade-comunicativa; Corpo como experiência espaço-temporal; Corpo como identidade e direito ético*, sendo fundamental compreender que essas dimensões não são dicotômicas, mas se entrelaçam, se entretecem e se complementam.

Após a professora Léia contar a história da Chapeuzinho Vermelho com todo o cenário teatral (palco, cenário, cortinas e fantoches), ela dispôs todos os elementos ao alcance das crianças, para que elas pudessem brincar. João resolve entrar no cenário, engatinhando no meio das cortinas e faz do seu rosto e corpo, um elemento da contação de histórias. Léia percebe a brincadeira e com muita sensibilidade coloca um fantoche de bruxa ao lado de João, que começa a brincar de contracenar com a boneca. (Registro do Caderno de Campo, 17 de novembro de 2016).

É importante que os bebês tenham garantia de um *quotidiano da arte* (Frabetti, 2011), isto é, que tenham acesso e experienciem diversas linguagens artísticas e expressivas comprometidas com a valorização das culturas para e da infância, no sentido de legitimar e reconhecer a capacidade de os bebês criarem ações culturais suas e, principalmente, de promover o acesso a essas linguagens, como sugerem Infantino e Zucchi (2016, p. 189): “As crianças abrem trilhas de conhecimento que as professoras devem manter vivas, mas também ampliar com solicitações, informações e desafios que incitem a curiosidade da criança”.

Quando meninas e meninos, desde bebês, interagem com os elementos da linguagem teatral, recriam modos próprios de “contar histórias”, que se constituem muito mais por silêncios e olhares, revelam a potencialidade que há nas ações culturais dos bebês e a importância dessas experiências com múltiplas linguagens no cotidiano da educação infantil: “Para que isso ocorra, temos que fazer com que o contato com as linguagens artísticas possa se desdobrar continuamente na vida de uma criança” (Frabetti, 2011, p. 50).

“Mas eu estava a pensar em achadouros de infância”: para não finalizar

Sou hoje um caçador de achadouros de infância.
(Barros, 2010, p. 67)

Os dados apresentados emergiram de uma pesquisa etnográfica, cuja finalidade era dar visibilidade aos modos como os bebês se relacionam com os livros em uma instituição de educação infantil. A escolha metodológica se deu por conta das suas ferramentas, as quais possibilitam uma aproximação com crianças, apreendendo seus muitos modos de se expressar e, mais particularmente no caso dos bebês, como um desafio de deixar emergir aquilo que eles nos informam por meio do corpo. O objetivo inicial da pesquisa era analisar as relações com o objeto livro e a linguagem literária, mas, no percurso, outras relações se revelaram potentes, como as *contações lúdicas de histórias* com os elementos do teatro.

Assim, ao longo deste texto, vislumbramos, com base nos dados recolhidos na pesquisa, costurar caminhos possíveis para que, na docência com bebês, possamos abrir trilhas de conhecimento que incitem os bebês a viverem, experienciem e assumirem as linguagens expressivas na educação infantil, ao mesmo tempo em que as ampliamos com novos desafios. Proporcionar uma relação com a arte, seja ela por meio do teatro, da literatura, ou de tantas outras linguagens, pretende

sistematizar novos arranjos para a docência, que assume o sensível e o corpo em toda sua multidimensionalidade. Quando nos colocamos verdadeiramente disponíveis aos bebês, no sentido de permitir, impulsionar e os desafiar a viverem suas experiências, apreendemos suas narrativas construídas com o corpo, com balbucios, sorrisos, gestos e olhares.

Na educação infantil, as ações pedagógicas que envolvem as linguagens expressivas, como o texto literário e o teatro, são também um compromisso com a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. Não com um caráter cumulativo acerca da elaboração de conceitos, mas a partir de uma perspectiva que assume a ampliação das experiências das crianças de modo alargado e diverso. Propor uma relação intensa dos bebês com os elementos da cultura é também possibilitar que eles tenham garantia, em termos de igualdade de condições, ao direito de serem sujeitos de linguagem, que se transformam e também transformam o mundo.

As reflexões tecidas dialogam com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil. Mec, 2009), segundo as quais as propostas pedagógicas das instituições de educação infantil devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, de modo a garantir experiências que promovam para os bebês o conhecimento de si e do mundo, a partir da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que propiciem a movimentação ampla, a expressão da individualidade de cada criança, respeitando seus ritmos e suas temporalidades.

As relações que os bebês constituem com as linguagens expressivas, desencadeadas pelas experiências com a literatura infantil, são modos de reafirmar a vida. As histórias narradas, os livros contados, as brincadeiras embaladas pelo riso, pelo choro e pelos gestos afetivos junto às crianças são reveladores da importância dessas experiências nas instituições de educação infantil e de uma temporalidade, cadenciada pelo tempo da vida, do corpo, do sensível, da emoção vivida de forma harmoniosa ao integrar tanto o tempo social quanto o tempo do relógio. As linguagens expressivas e artísticas, impulsionadas pela experiência com a literatura infantil, são formas de driblar o tempo instituído, aproximando-nos de outra temporalidade, que se faz e se constitui pelas relações entre seres humanos, pelo exercício da empatia e, principalmente, pelo espaço que se abre para a sensibilidade.

Referências bibliográficas

BAPTISTA, M. C.; BELMIRO, C. A.; GALVÃO, C. Educação infantil e gênese do processo de construção do leitor. In: DEBUS, E.; JULIANO, D. B.; BORTOLOTTI, N. (Org.). *Literatura infantil e juvenil: do literário a outras manifestações*. Tubarão: Copiart, 2016.

BARBIERI, S. *Interações: onde está a arte na infância?* São Paulo: Blucher, 2012.

BARBOSA, M. C. S. Tempo e cotidiano: tempos para viver a infância. *Leitura: teoria & prática*, Campinas, v. 31, n. 61, p. 213-222, nov. 2013.

BARROS, M. de. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta do Brasil, Alfaguara, 2010.

BONNAFÉ, M. *Los libros, eso es bueno para los bebés*. Barcelona: Oceano Travesía, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). Câmara da Educação Básica (CEB). *Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009*. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Disponível em: <http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2021.

BUSS-SIMÃO, M. Experiências sensoriais, expressivas, corporais e de movimento na Educação Infantil. In: MORO, C.; VIEIRA, D. M. (Org). *Leituras em educação infantil: contribuições para a formação docente*. Curitiba: Núcleo de Estudos em Políticas de Inclusão Escolar da Universidade Federal do Paraná, 2019. p. 53-88.

BUSS-SIMÃO, M.; ROCHA, E. A C. Nota crítica sobre a composição de pedagogias para a educação infantil. *Em Aberto*, Brasília, DF, v. 30, n. 100, p. 83-93, set./dez. 2017.

DEBUS, E. *Festaria de brincança: a leitura literária na educação infantil*. São Paulo: Paulus, 2006.

FERREIRA, M.; NUNES, A. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 103-123, jan./abr, 2014.

FRABBETTI, R. A arte na formação de professores de crianças de todas as idades: o teatro é um conto vivo. *Revista Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 2, p. 39-50, mai./ago. 2011.

GOELZER, J.; LÖFFLER, D. E se chapeuzinho não fosse vermelho? Um olhar sobre as linguagens infantis. In: CANCIAN, V. A.; GALLINA, S. F. da S.; WESCHENFELDER, N. V. (Orgs.). *Pedagogias das infâncias, crianças e docências na educação infantil*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2016. p. 227-240.

GONÇALVES, F. *As palavras e o seus deslimites: a relação dos bebês com os livros na Educação Infantil*. 2019. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

GRAUE, M. E.; WALSH, D. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

INFANTINO, A.; ZUCCOLI, F. A arte e as crianças caminhos a explorar, linguagens a experimentar e um mundo todo à espera de ser descoberto. In: CANCIAN, V. A.; GALLINA, S. F. da S.; WESCHENFELDER, N. (Orgs.). *Pedagogias das infâncias, crianças e docências na educação infantil*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2016. p. 179-192.

KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

LE BRETON, D. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, M. E. de; STOLTZ, T. Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky. *Revista Educar*, Curitiba, n. 36, p. 77-93, 2010.

PAIVA, Ana Paula. *Um livro pode ser tudo e nada: especificidades da linguagem do livro-brinquedo*. 2013. 736 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

PARREIRAS, N. *Do ventre ao colo, do som à leitura: livros para bebês e crianças*. Belo Horizonte: RHJ Livros, 2012.

REYES, Y. *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.

RIZZOLI, M. C. Literatura com letras e sem letras na educação infantil do Norte da Itália. In: FARIA, A. L. G.; MELLO, S. A. (Orgs.). *Linguagens infantis: outras formas de leitura*. Campinas: Autores Associados, 2009.

ROCHA, E. A. C. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, S. H. (Org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008.

SCHMITT, R. V. *As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente*. 2014. 282 f. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

Fernanda Gonçalves, doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é professora colaboradora do curso de Pedagogia da Faculdade Municipal da Palhoça (FMP) e professora colaborada no curso de Pedagogia na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc/Cead).

feegoncalves@gmail.com

Márcia Buss-Simão, doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é professora nessa universidade no Departamento de Estudos Especializados em Educação (UFSC/EED). Realizou estágio pós-doutoral de 2012 a 2013 na UFSC.

marcia.simao@gmail.com

Eliane Santana Dias Debus, doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), com pós-doutorado na Universidade do Minho (PT), é professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atuando no Departamento de Metodologia de Ensino, no Programa de Pós-Graduação em Educação e no programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.
elianedebus@hotmail.com

Recebido em 04 de agosto de 2020

Aprovado em 24 de outubro de 2020